KB 19866

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

EXAME,

E JUIZO CRITICO

SOBRE O PAPEL, INTITULADO

ANTI-SEBASTIANISMO,

ANNUNCIADO NA GAZETA DE LISBOA

DE 28 DE SETEMBRO DO PRESENTE ANNO.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1809.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/exameejuizocriti00maia

PREFAÇÃO.

DEpois de haver escrito a resposta ao papel, que tem por titulo *Anti-Sebastianismo*, *ou Antidoto contra varios abusos*, que appareceo impresso em Lisboa neste anno de 1809, e annunciado na Gazeta da mesma Cidade em 28 de Setembro do mesmo anno, me pareceo que para maior perfeição, e acabamento daquelle tal, e tal Opusculo o deveria fazer preceder de huma como Introducção, na qual tratasse da origem, e principio da célebre Seita do Sebastianismo, da ordem que tem seguido nos seus progressos, e das épocas, em que se tem visto ou mais exaltada, ou mais desfallecida. Servirá talvez isto para desenganar a tantos pertendidos desabusados, de que esta Seita não he tão absurda, e desrazoada, como lhe parece, e de que erra meio a meio todo aquelle, que a confunde com essas falsas crenças vulgares, filhas de huma ignorancia crassa, quaes aquellas de que o author do Anti-Sebastianismo falla nas primeiras paginas daquelle papel. Servirá conseguintemente de mostrar tambem, que não deve causar espanto, que esta Seita tenha durado até aos nossos dias; e que desde os seus principios até á época presente, tantos homens doutos, e sizudos a tenhão firmemente professado, e vigorosamente defendido.

Todos sabem que ElRei D. Sebastião, tendo visto a luz do dia em 1554 teve a gloria, e a for-

tuna de nascer na época, sem dúvida a mais brilhante da Monarquia Portugueza. Omittindo todos os outros ramos de prosperidade, e gloria Nacional, que não vem directamente ao meu intento, só fallarei do respeitavel estado, em que naquelles tempos se achavão em Portugal as Artes, e as Sciencias. Eu julgo que não poderei ser accusado de fanatismo patriotico, atrevendo-me a affirmar, que nenhuma Nação está no caso de poder apresentar hum número tão prodigioso, e respeitavel de Escriptores insignes em todo o genero de Sciencias, e Litteratura, como Portugal no seu célebre Seculo de Quinhentos. Muito embora zombem os Estrangeiros, e especialmente desta asserção: esta zombaria, como quasi todas, he filha da sua ignorancia. Se com o mesmo calor, com que nos applicamos ao das suas, elles se applicassem ao estudo da nossa lingua, estarião no caso, como nós estamos, de confrontar o número dos seus, com o dos nossos dignos Escriptores, e de comparar os seus com os nossos Poetas, Historiadores, etc., etc., e seria de esperar, que se conformassem com os poucos d'entre elles, que sabendo a nossa lingua, e tendo lido o muito, que nella ha escrito, prodigalizão elogios honrosos á nossa Litteratura. Vírão-se em aquelles felizes tempos no nosso Portugal gloriosamente renascidos, e altamente melhorados os Seculos dos Homeros, e Thucydedes; dos Virgilios, e Titos Livios, e todas as Nove Musas, deixando as grutas, aonde a barbaridade dos Seculos precedentes as havião condemnado a viver sepultadas, correrem a habitar os Templos magestosos, que esta famosa Nação lhes havia erigido. Na Sagrada Theologia, e exposição das Divinas Escrituras adquirírão alto nome os insignes Quinhentistas Heytor Pinto, Luiz

de Sotto Maio, João Soares, Jeronymo d'Azambuja, Pedro Figueiró, Sebastião Barradas, o Arcebispo D. Bartholomeu dos Martyres, e o grande Francisco Foreiro. Na Jurisprudencia Civil, e Canonica se distingírão nobremente Pedro Barbosa, Manoel da Costa, Jorge Cabedo, Ayrel Pinhel, Antonio de Gouvea, Gonçalo Vaz Pinto, Gabriel da Costa, João Altamira, e muitos outros, que seria difficultosa empreza numerar. Amaro Lusitano, e Thomaz Rodrigues da Veiga nas suas exposições, e Commentarios a Galeno, e Hypocrates deo hum testemunho brilhante do estado das Sciencias Medicas em Portugal naquella época gloriosa. O immortal Pedro Nunes, genio creador, fez naquelle Seculo exclusivamente Nacionaes de Portugal as Sciencias Mathematicas. Os famosos Historiadores João de Barros, Diogo de Couto, Antonio Castilho, Lopo de Sousa Coutinho, Bernardo de Brito, João de Lucena, Jacintho Freire d'Andrade, João dos Santos, Fernão Mendes Pinto, e o grande Luiz de Sousa se fizerão dignos, de que os seus bustos fossem collocados na mesma gallaria, em que se admiravão os dos Thucydedes, Xenofonte, Tito Livio, Tácito, e Quinto Cursio. Na Poesia, na bella, sublime, e encantadora Poesia, se fizerão merecedores de eterno nome, e gloria Francisco de Sá e Miranda, Diogo Bernandes, Agostinho da Cruz, Jeronymo de Corte Real, Antonio Ferreira, Fernão Alvares do Oriente, Diogo de Paiva de Andrade, Jorge Coelho, Jeronymo Cardoso, Pedro de Andrade Caminha, e o grande Luiz de Camões. O nome só deste grande homem he bastante a dar a idéa mais lisongeira do venturoso Seculo, que o produzio. Com muita razão, e justiça lhe teceo o seguinte elogio hum homem habil dos nossos dias:

Græcia Mæonidem jactat, verona Catullum
Nasonem Sulmo, Mantua Virgilium
Jactent usque licet: Camõens omnibus unum
Jactat Lusyadum terra superba parem.

A Lingua Latina, que he verdadeiramente a Lingua das Artes, das Sciencias, e do bom gosto, era tão commum, e vulgar entre os Portuguezes daquelle tempo, como entre os dos nossos dias o são as Linguas Italiana, e Franceza; com esta grande differença, que destas duas Linguas temos apenas hum conhecimento muito superficial, sendo muito poucos os que estão no caso de as fallar correctamente, e muito menos ainda os que se atreverião a compôr, e escrever nellas com pureza, e elegancia: quando aliàs entre os nossos Quinhentistas tantos, e tantos possuião a Lingua Latina em toda a perfeição, compondo, e escrevendo nella com tanta pureza, e graça, tanto em Prosa, como em Verso, que as suas Obras se fazem dignas de ser comparadas ás do Seculo de Augusto. Taes são entre outros Ayres Barbosa, Acchiles Estaço, Diogo de Teive, o Bispo Jeronymo Ozorio, e o grande André de Rezende. Tambem erão cuidadosamente cultivadas as Linguas Orientaes, e exoticas, sendo não poucos os que nellas compunhão correcta, e elegantemente, especialmente na rainha das Linguas dos Homeros, e Demosthenes forão insignes entre outros Ayres Barbosa, Acchiles Estaço, Luiz Ferreira, André de Rezende, e Francisco Foreiro.

O que fica dito, sendo apenas hum esboço da illustração daquelle famoso Seculo, he quanto basta para nos convencer do estado das Artes, das Sciencias, da Litteratura, e do bom gosto em Portugal

na venturosa época, em que D. Sebastião veio ao mundo. Tendo nascido poucos dias depois da morte do Principe D. João seu Pai, e nono Filho de ElRei D. João III., já se vê com quanto alvoroço, e jubilo seria celebrado o seu Nascimento. As Musas o applaudírão á porfia, imitando na melodia do seu Canto a das Aves sonoras, quando nas madrugadas da Primavera celebrão o nascimento de Aurora. Sendo o unico objecto das esperanças da Monarquia, toda a Nação o olhava como hum mimo do Ceo, e hum novo argumento da providencia particular, que vigia sobre este Reino desde a sua fundação, como sempre piamente se creo.

Esta especie de maravilhoso, que desde o seu nascimento parecia descobrisse no novo Principe, crescia gradualmente cada dia á medida, que nelle se hião desenvolvendo as bellas, e grandes partes, com que o Soberano Author da Natureza o havia adornado, e que a cultura, e a educação fizerão subir a hum ponto muito sobre o mediocre, e ordinario. Dotado de huma excellente memoria, grandes talentos, fina comprehensão, amor ao estudo, sujeição aos melhores Mestres, que depois de maduras discussões lhe forão dados, quando havia tanto por onde escolher, os seus progressos forão os mais rápidos. Isento, e totalmente livre dos vicios das primeiras idades, vicios, que debilitão, embrutecem, e retardão o espirito, e o corpo, muito antes da estação competente, este Principe mostrava hum juizo maduro, e hum discernimento admiravel. Huma presença gentil, e magestosa; muita decencia, e affabilidade; tão robusto como valoroso, parecendo não ter a mais leve idéa de medo, ou perigo; não havendo coisa que podesse causar-lhe admiração, ou espanto; por outra parte muito Catholico, e devo-

to, temente a Deos, e profundo respeitador da Igreja, e das suas Jerarquias: ElRei D. Sebastião foi sem dúvida hum daquelles Principes, que em si unio maior número das qualidades, que os fazem dignos de o ser. Se pensarmos com alguma sisudeza sobre tudo isto, acharemos talvez, que alguma desculpa parece merecerem os Povos, a que parecia descobrir o quer que era de maravilhoso neste Principe tão abundantemente dotado de partes muito singulares, e pouco communs. Mas vamos proseguindo. Este Principe de tantas esperanças, que promettia obscurecer os grandes nomes dos Carlos Magnos, dos Alfreds, e de Luiz IX., os maiores homens, que tem occupado os Thronos da Europa, se deixou infelizmente vencer do fatal projecto de conquistar a Africa. Nenhumas razões forão bastantes a dispersuadillo: he verdade que os meios, que empregarão para o dissuadir da empreza, erão muito mais proprios, attendido o seu caracter, e o seu fraco, para mais o estimular, e accender. Este Principe detestava excessivamente a cobardia, e dava a esta palavra huma significação amplissima. Temer os perigos, desmaiar com as difficuldades, fossem de que natureza fossem estas difficuldades, e estes perigos, era segundo elle cobardia. Ora como pela maior parte as razões com que se pertendia dissuadillo do temerario projecto se fundavão nas difficuldades, e nos perigos delle, he evidente, que quanto mais lhe argumentassem, mais o havião de estimular, e accender. Seguindo outro rumo com delicadeza, e manha, talvez se conseguisse o desvanecello, mas *Sic erat in fatis.*

Parece involver bastante maravilhoso, que hum Principe de tão boas partes se deixasse illudir, e obstinar até ao ponto de não ver, o que qualquer

mediano talento previa, e alcançava; e que absolutamente não quizesse admittir as razões, e os conselhos de tantos homens grandes em toda a extensão da palavra, aquelle, que sempre havia mostrado hum genio docil, e facil de ceder. Tambem não parece natural, que huma Nação tão illustrada, e culta como naquelles tempos era a Portugueza, com tão perfeito conhecimento dos seus direitos, e tanto despejo, para os fazer valer, se deixasse cégamente arrastrar por hum Principe de vinte e quatro annos, em quem fóra desta se não conhecia outra alguma falha, e que guiada por elle, corresse a precipitar-se no tumulo. Parece que em tudo isto se está vendo reluzir o maravilhoso, e sobrenatural.

Em fim, no fatal dia 24 de Junho de 1578 sahe pela barra de Lisboa a famosa frota, levando a seu bordo tudo quanto havia de bom, rico, e grande em Portugal, ou para tudo dizermos em huma só expressão, levando a todo Portugal a enterrar aos Campos d'Africa, o que na realidade succedeo 41 dias depois, isto he, aos quatro de Agosto do mesmo anno, dia fatal, e para sempre lastimoso nos annaes da Historia Portugueza.

Neste mesmo dia, e até na mesma hora, em que se ultimou a fatal batalha em Alcaçar Quivir na Africa, se soube com toda a individuação o successo, tanto em Portugal, como em Hespanha, como em França. Digão o que quizerem os chamados Críticos, e desabusados dos nossos dias, o que acabo de dizer he hum facto incontestavel, que só póde deixar de ser acreditado por aquelles, que não admittem outra regra para crer, ou deixar de crer, que não seja a sua livre vontade. Sem que hum só dos Contemporaneos os desmintão, todos os Historiadores daquelles tempos o affirmão, e protestão.

Entre as pessoas, que no mencionado dia publicárão em Portugal o trágico successo, forão os principaes o Cardeal Henrique, Fr. Cosme, Leigo no Mosteiro d'Alcobaça, homem de reconhecida virtude, e D. Beatriz d'Aguiar, Abbadeça de Coz, pessoa tambem muito exemplar, e virtuosa. Na Hespanha, D. Leonor Mascarenhas, fundadora do Mosteiro dos Anjos em Madrid, e a famosa Santa Theresa de Jesus, cuja eminente Santidade, e admiravel Sciencia não carece de ser aqui recommendada. Na manhã do dia 5 de Agosto do sobredito anno, o Geral dos Trinos participou a fatal noticia em París ao Rei Francisco Segundo. Apezar da alta reputação, de que gozavão todas estas pessoas, suspendêrão os prudentes os seus juizos até, que chegando a fatal noticia pelos meios ordinarios, forão obrigados a ter por verdadeiras aquellas revelações. Eu bem sei, que esta palavra offende muito os ouvidos melindrosos dos meios desabusados contemporaneos; e eu, que não desejo offender a huma só pessoa, me absterei de continuar a servir-me della, e até mesmo de insistir por mais tempo nesta materia: fiquemos pois, em que na mesma hora, dia, mez, e anno, em que o Exercito Portuguez fôra destroçado em Alcaçar-Quivir na Africa, se soube com toda a individuação o successo em Lisboa, Madrid, e París, havendo sido communicado pelas sobreditas, e muitas outras. Dê-se a isto o nome, que lhe quizerem dar. Não deixemos porém de notar, que nas relações tão circunstanciadas, e minuciosas, que as sobreditas pessoas fizerão do lastimoso successo, nem huma só palavra se leia á respeito do destino de ElRei D. Sebastião naquella fatalidade, sendo aliàs a primeira, e principal personagem, de quem se devêra fazer menção. Vamos continuando. Chega-

das em fim as fataes noticias no tempo proprio, e confirmadas as que já corrião sem differença notavel, a maior parte dos Portuguezes ficou persuadida, de que ElRei havia escapado á morte, e sahido da Africa: alguns suspendião a este respeito os seus juizos, e muito poucos se capacitárão, ou por politica quizerão parecer, que se capacitavão da sua morte. Assim vírão os Vassallos Portuguezes quebrarem-se os escudos, celebrarem-se as honras funeraes, e ser acclamado Rei de Portugal o velho Cardeal. Entretanto esperava-se vêr entrar a cada instante por este Reino o seu verdadeiro Monarca; e esta esperança se vigorava cada dia com a chegada de muitos, que havendo escapado á morte na fatal batalha, tendo sahido da Africa, se recolhião ao Reino, ou mandavão noticias incontestaveis de se acharem em salvo. Aqui teve principio a Seita do Sebastianismo: nasceo no seio das luzes, e illustração de hum Seculo o mais judicioso, e sábio: os seus primeiros partidistas forão os nossos Quinhentistas, a Nação inteira, quando nenhuma outra estava no caso de lhe disputar a Superioridade, nas Artes, na Litteratura, e nas Sciencias. Se o Author do Anti-Sebastianismo tivesse levantado as suas reflexões, como devia até a esta altura, estou bem certo, de que não confunderia os Sebastianistas com aquelles, que crem nos *ovos*, *e alcaxofras da noite de São João*, ou nos *defuntos*, *que ouvem Missa de noite*, *que lhes diz o Cura*, *que falecêra em ultimo lugar*: a ignorancia mais crassa presidio ao nascimento destas superstições, e debaixo de bem diversos auspicios nasceo a Seita dos Sebastianistas. Nem me responda, que nos tempos actuaes he absurda a esperança dos Sebastianistas presentes, e que o não era nos tempos, de que eu fallo; porque se, segun-

do o Author, *o trágico, e lastimoso fim de ElRei D. Sebastião foi fiel, e verdadeiramente em Agosto de* 1578, tão grande absurdo era esperar por elle aos seis mezes, como aos seiscentos annos depois de haverem morrido. Mas voltemos ao nosso intento.

Com as calamidades deste Reino, funestas consequencias da batalha da Africa, e com o grande empenho, que os Filippes mostravão em persuadir a Nação, de que o seu Rei havia morrido em Alcaçar-Quivir, crescião progressivamente os desejos, de que apparecesse em Portugal aquelle desgraçado Rei, e com as noticias vindas de Veneza em 1598; e de que fazemos menção na pagina da nossa resposta ao Anti-Sebastianismo, se confirmou a Nação inteira, de que com effeito ElRei D. Sebastião se achava vivo, e havia sahido da Africa. A esperança de o ver entrar em Portugal occupava a todos os corações, os Filhos a herdavão de seus Páis, e as gerações a transmittião, e desejavão como precioso legado ás gerações.

Assim vio Portugal decorrer os annos do seu cativeiro, e chegar-se a época da sua restauração em 1640, quando aquelles, por que tanto suspirara, vinhão a ter 86 annos de idade. Com o prazer de ver se restaurado, amainou neste Reino a esperança da vinda de ElRei D. Sebastião; nunca porém chegou a aniquilar-se; e pelo tempo adiante até ao fim do Seculo XVII., em que havião decorrido 146 annos do nascimento de ElRei D. Sebastião, a esperança da sua vinda já crescia, já affrouxava, segundo os tempos corrião, ou prosperos, em que tudo esquece; ou adversos, em que he da natureza humana, e até da boa Filosofia o procurar, e até fingir motivos de consolação, e allivio a seus males.

He summamente difficil o deixar persuasões herdadas, principalmente quando são nobremente nascidas, e tem sido por largos annos acreditadas: a esperança da vinda de ElRei D. Sebastião tem continuado a subsistir, e principalmente depois dos fins de 1807 tem engrossado o número dos seus partidistas extraordinariamente, servindo-lhes de consolação, e refrigerio no meio dos males acerbos, com que temos sido vexados, e opprimidos.

Deixando pois em paz os que crêm, e esperão sem saber o porque crem, ou porque esperão, vamos aos que se achão em mais alto predicamento, e sabem dar a razão do seu dito. Dizem pois estes, que = Deos tem por particular providencia reservado a ElRei D. Sebastião, que assim o tem affirmado varias pessoas eminentes em virtude, e Sciencia; profetizando a sua vinda para os tempos futuros, tendo-se já comprido algumas outras partes dos seus vaticinios =.

Sem que seja o meu animo afomentar esta esperança, nem contrariar, a que a isto respondemos nas paginas ultimas deste nosso Opusculo, permitta-se-me o fazer, ou lembrar aqui algumas reflexões, que talvez convenção a cerebros não esturrados, de que esta esperança não parece nem muito absurda, nem demasiadamente revoltante.

Eu supponho que nenhum homem de bom senso, e de boa fé deixará de estar convencido da prodigiosa apparição de JESUS CHRISTO a ElRei D. Affonso Henriques nos Campos de Ourique, e das grandes promessas, que lhe forão feitas. Este milagroso acontecimento está tão legitimamente provado por tantos, e tão authenticos documentos, descobertos, e reproduzidos por homens tão insignes, e muito principalmente nos nossos dias pelo

Author da Thebada Portugueza, e pelo célebre Antonio Pereira de Figueiredo, que se não póde esperar que homem algum nas circunstancias acima ditas se atreva ao ter por falso, ou duvidoso. Desde aquella memoravel época se começou a crer piamente neste Reino, que Deos, em consequencia das promessas feitas áquelle virtuoso Rei, havia tomado a Portugal debaixo da sua particular protecção, providenciando-o com huma predilecção semelhante áquella, com que noutros tempos providenciava a Monarquia Hebrea, antes que pelos seus crimes, e ingratidões se fizesse indigna de seus divinos beneficios. Os maravilhosos successos, que pelo decurso dos annos se forão vendo, mais, e mais hião confirmando esta Nação, que nada tem de incrédula naquella crença piedosa. Não podem capacitar-se os bons Portuguezes, de que sem hum influxo muito particular do Ceo treze mil homens nos Campos de Ourique podessem desbaratar, e vencer a hum formidavel Exercito de quatrocentos mil Mouros robustos, e muito bem disciplinados. Não póde crer, que sem aquelle mesmo influxo podesse nas planices d'Aljubarrota hum Exercito Portuguez pequenissimo em número, comparativamente ao enorme Exercito, que tinha de combater, conseguir sobre elle huma victoria, completa, matando-lhe doze mil homens, e aprizionando-lhe hum número incalculavel; sendo os vencidos os primeiros a confessar, que de tão enorme desigualdade não era natural o esperar-se hum tal exito Não podem os bons Portuguezes persuadir se, que no dia 17 de Março de 1504, o grande Duarte Pacheco com huma Náo, huma Caravella, dois pequenos Navios, e setenta e hum homens podesse sem hum grande influxo, e visivel auxilio do Ceo vencer, e destruir a formidavel Esqua-

dra do Rei de Calecut, composta de cento e sessenta vélas, e hum Exercito, que por mar, e por terra montava a sessenta mil homens. Não podem em fim persuadir-se, de que sem huma particular assistencia do Ceo podesse Jorge d'Albuquerque com duzentos e oitenta Portuguezes destruir o Exercito do Genial Rei de Pacém, matando-lhe dois mil e quatrocentos homens, em que entrou o mesmo Rei, aprizionando-lhe a sua mulher, e filhos, e hum prodigioso número de gente. Innumeraveis outros factos se encontrão nas historias de Portugal, que são para esta Nação outros tantos argumentos, que a obrigão a crer com fé piedosa, que Deos tem sobre este Reino desde a sua fundação as vistas de huma providencia particularissima. Supposta a verdade destes grandes acontecimentos, de que nos dão hum testemunho irrefragavel os famosos Historiadores daquelles tempos, e principalmente os grandes João de Barros, André de Couto, o Bispo Jeronymo Osorio, e Manoel de Faria e Sousa, e tantos outros, eu deixo a decidir aos homens sensatos, e de boa fé, se esta piedosa crença dos Portuguezes he, ou não bem fundamentada, e se se ajusta, ou não ás maximas, e principios da Religião, e da sã Filosofia, que nos prohibe o attribuir ás causas naturaes, e ordinarias aquelles effeitos, que excedeo o alcance, e as forças das mesmas causas? Não sendo de esperar huma resposta negativa, pergunto em segundo lugar, se huma Nação, acostumada a vêr com tanta frequencia o Ceo, obrando tantos prodigios a beneficio seu, merece ser accusada de fanatica, e visionaria, quando crê, que Deos tem reservado para restaurador do Imperio, que prometteo estabelecer para si em D. Affonso Henriques, e sua Descendencia a ElRei D. Sebastião, famoso Principe,

cujo nascimento, indole, dotes de corpo, e de espirito, cujas virtudes, acções, vida, projectos, e salvamento da Africa involvem tanto de maravilhoso, e sobrenatural? Por ventura o objecto desta esperança he alguma coisa, ou impossivel a Deos, ou que Deos nunca tenha feito? He alguma coisa nunca vista o conservar Deos a vida a hum homem por duzentos e quarenta e cinco annos, que nesta hypothese ElRei D. Sebastião viria a ter presentemente?

Não fallando nos Patriarcas Antidiluvianos, que dobrárão, e desdobrárão aquelle computo, não nos consta pelas Historias dos Seculos mais visinhos a nós, que alguns tem até excedido aquelle prazo? E prescindindo mesmo do influxo particular da Providencia, eu não sei, que esteja demonstrado, ou se possa demonstrar a impossibilidade de viver hum homem nestes Seculos ultimos os seus trezentos annos, ou mais, mesmo naturalmente, e sem milagre algum. Só sei, que se algum homem estava no caso de viver seculos, seria ElRei D. Sebastião, em que concorria tudo quanto póde julgar-se necessario para gozar de huma vida longa. Moço, robusto, e vigoroso, inimigo de melindres, e effeminações; muito dado a exercicios, e fadigas; sobrio, e livre de vicios torpes, e das fataes molestias, que lhes são inherentes, que inficionão, e minão a seve da humana vida, superior ás paixões, e desgraças, que envenenão a massa vital; assim no-lo pintão, e retratão uniformemente todos os Historiadores: ora hum homem com todas estas circunstancias promette huma longa duração, e não espanta que iguale a vida dos Patriarcas, aquelle, que tão perfeitamente se assemelhou a elles pelos seus costumes. Por qualquer lado pois que olhemos para o Sebastianismo, não vejo, que a sua esperança mereça ser

tratada de ridicula, absurda, ou revoltante, nem que esta Seita mereça ser confundida com as dos que crêm naquellas estupidezes, de que falla o papel do Anti-Sebastianismo nas suas primeiras paginas. Huma ignorancia crassa lhes deo o nascimento, as mantêm, e as conserva; e impossivel he que no número dos que as acreditão entre algum homem judicioso, e douto, ao contrario o Sebastianismo nasceo no seio de hum Seculo, talvez o mais illustrado, e judicioso de todos, homens de muito juizo, de muito saber, e de muita crítica, tem sido, e ainda hoje nos nossos dias são seus acerrimos sequazes; tudo isto sendo, como he, incontestavel, próva legitimamente, que esta Seita nem he absurda, nem inconsequente. Tal he o meu modo de pensar: não sigo a opinião, mas não a ridiculizo: não sou Sebastianista, mas reconheço, e respeito os talentos, o saber, e as virtudes de muitos, que o tem sido, e ainda hoje o são.

EXAME,

E JUIZO CRITICO

SOBRE O PAPEL, INTITULADO

ANTI-SEBASTIANISMO.

NUNCA em Portugal se deo tanto exercicio ás pennas, como nesta calamitosa época, em que só se devia dar exercicio ás armas. Todos aspirão á gloria de Escritores, quando devião aspirar á de guerreiros; e como se o tinteiro fosse fuzil, a penna espada, a areia polvora, e a tinta balas; com tinteiro, pennas, areia, e tinta nos propômos a vencer inimigos, que nos accommettem com fuzil, espada, polvora, e bala. Se o conseguirmos, teremos a gloria de haver descoberto hum grande segredo; e as Nações Estrangeiras, que apenas nos concedem o fraco talento de bons imitadores, emendarão a frase, e nos concederão a gloria, e o genio de grandes inventores. Este descobrimento nos fará mais honra, do que o do novo Mundo; e as Nações se aproveitarão mais ávidamente desta nova derrota, do que daquella, que lhe abrimos por mares nunca d'antes navegados. Transtornarão todo o seu systema actual; converterão em Prélos, e Officinas os Arsenaes, e Fundições; o bronze das bocas de fogo em chapas para abrir caricaturas; dos

canos das espingardas farão typos, e das laminas das espingardas, e folhas dos traçados, tesouras, e canivetes, para aparar papel, e pennas. Eu não tenho genio facéto, e gracejador; conheço além disso, quanto he absurdo, e inconsequente procurar fazer rir o público, quando he preciso electrizallo, e inspirar-lhe sizudos, e sérios sentimentos de Religião, honra, patriotismo, e virtuoso desprezo da vida. Mas esta immensa, e desordenada cópia de escritos, e papelladas em huma crise tão pouco propria para taes exercicios, enche de tanta indignação ao homem de bom senso, que a pezar da sizudeza, e gravidade, que lhe he propria, o faz cahir no que mais detesta, e condemna.

Recobrando pois o meu genio, e caracter natural, digo, que sendo hum principio estabelecido pela Divina Sabedoria, e summamente ajustado á razão, e ao bom senso, que para todas, e quaesquer coisas ha tempo proprio, e estação competente (Ecclesiast. Cap. III.) he o maior dos absurdos o estar consummindo as noites, e os dias em escrever, distrahindo, e dissipando a Nação com galanterias, inepcias, fabulas, e dicterios, quando temos a defender a Religião, a honra, a fazenda, a vida, e a liberdade contra hum inimigo poderoso, astuto, cruel, que nos ameaça, e que não desistirá de nos perseguir em quanto o deixarmos respirar. Esta verdade incontestavel em si nos he práticamente ensinada pelo respeitavel Corpo Academico, que ao ver em perigo a Religião, e a Patria dos braços da Minerva corre aos Campos de Marte; e fechando os livros, desembainhão as espadas. Sabe o Ceo quanto eu invejo a sua sorte; mas nem os annos, nem as molestias me permittem o acompanhar aquelles Heroes ao theatro da gloria. Se me fôra possivel o

fazello, protesto, que não estaria aqui consummindo o tempo em escrever, Deos sabe o que; e em ler a immensa, e indigesta papellada, que em menos de hum anno tem de si lançado as Officinas, e os Prélos.

Quasi todos estes papeis se fazem recommendaveis pelos titulos faustosos, com que seus Authores tem o cuidado de os baptizar; e ainda que pela maior parte estes titulos lhes quadrem tambem como os nomes de Clara, e Rosa ás Pretas de Guiné; o de Rabão ao Cavallo, que não tem cauda; e o de Barbadinho, a quem tem barbas até á cintura, não sei por que fatalidade nunca chego a desenganar-me; e em vendo annunciado, ou ouvindo apregoar papel com titulo daquella natureza, não posso sosster-me, que não compre, e leia.

Foi o que depois de tantas lograções me succedeo com o que tem por titulo *Anti-Sebastianismo, ou Antidoto contra varios abusos.* Estava-lhe cahindo, dirão agora o que isto lerem, estava-lhe cahindo ao velho potroso o deixar-se illudir pelo titulo daquelle papel; e com quanta préssa, e ambição o procuraria ler?

Entretanto, meus Senhores, posso com toda a verdade protestar-lhes, que sou velho, mas nem sou, nem fui em algum tempo Sebastianista. Tenho tido a pachorra de ler quasi tudo quanto sobre esta materia se tem escrito *pro*, *e contra* em Portugal, Hespanha, Italia, e França: serão talvez bem poucos os prognosticos, e chamadas Profecias, que eu não tenha examinado; e posso affirmar com toda a ingenuidade, que nunca esperei por ElRei D. Sebastião, nem me propuz a determinar o tempo da sua vinda, nem a accommodar a esta, ou áquella época o cumprimento dos taes va-

tic'nios. Até posso com igual verdade protestar, que sempre desejei muito, que algum homem de talento e saber, se propuzesse a deitar por terra este Colosso, e aniquilar a Seita do Sebastianismo, refutando cabalmente os seus fundamentos. Talvez estaria eu occupado destes pensamentos, quando ouvi apregoar o tal papel; e já se vê com quanta ambição correria a comprallo para o ler.

Logo fiquei hum pouco desgostoso ao ver a sua pequenez: em tão poucas paginas, disse eu, fallando só comigo, parece impossivel, que possa satisfazer-se completamente a tantas opiniões, tantas authoridades, tantos argumentos, dos quaes alguns, e não poucos, se não são fortes, e convincentes, são pelo menos plausiveis, e de difficil solução. Lembrando-me porém de que ha homens, que tem a rara habilidade de dizer muito em poucas palavras, na esperança de que o Author do Anti-Sebastianismo fosse hum destes Fenomenos, comecei a ler, e em menos de meia hora conclui a leitura.

Confesso que fiquei confuso, e estupefacto com o que li; e depois de alguns momentos de reflexão, fiz comigo mesmo este discurso: ou o Author do Anti-Sebastianismo he hum famoso, e chapado Sebastianista, que procurou este tal, e qual artificio para fazer publicas pela impressão as Profecias do Pretinho, a Attestação dos Padres de Santo Antonio, as Trovas do Mouro de Granada, etc., etc., o que sem aquelle disfarce lhe seria absolutamente impossivel conseguir; ou aliàs se na realidade he Anti-Sebastianista, e devéras se propoz a combater, e aniquilar esta grande Seita, errou totalmente os caminhos, e veio a pôr a coisa em peior estado.

He o que desgraçadamente succede todas as vezes, que a Apologia da verdade he mais fraca do que os fundamentos sobre que se estriba o erro; e quando os argumentos, com que se intenta refutar, não tem ao menos tanta força, como os do partido opposto. Neste caso o Apologiador da verdade lhe vem a fazer maior prejuizo, do que aquelle, que directamente a combate; porque o erro levanta com altivez a cerviz indomita, quando vê debilmente cahidas a seus pés as settas, com que Priamos fracos intentavão traspassallo, e engrossa o número dos seus Sectarios, convidando para que venhão participar da gloria do apparatoso triunfo, que alcançárão.

He o que realmente succede no caso, em que estamos: o tal Anti-Sebastianismo he muito mais proprio para fazer huma nova creação de Sebastianistas, do que para desenganar do seu erro aos que já o erão: o tempo, o lugar, o modo, por que morrêra ElRei D. Sebastião, fica no mesmo gráo de incerteza, em que até aqui se tem conservado; e os chamados prognosticos, e attestações, podendo agora chegar mais facilmente ás mãos de todos, adquirem mais authenticidade, e força pela impressão, e pela fraquissima refutação, que dellas se faz. Ainda que sobre cada hum dos periodos do tal papel havia muito que dizer, só me proponho a fazer pelo grosso a sua analyse, sendo quanto basta para mostrar palpavelmente o que acabo de dizer.

Dá o Author principio ao seu Opusculo por tres, ou quatro periodos, que exprimidos com bastante força deitão de si não sem muita difficuldade este grande, e importante principio. = Desde que o Mundo he Mundo sempre houve erros, apprehensões, falsas crenças, abusos, e prejuizos. = He ha-

ma verdade inquestionavel, e podia sem temeridade, se lhe fosse conveniente, accrescentar, que nem ha, nem houve em algum tempo hum só homem, que sobre este artigo não seja, ou tenha sido miseravel e peccador, sendo ainda mais desgraçados nesta parte os que se julgão, e os outros commummente tem por mais Filosofos, e desabusados. Podia de mais a mais dizer, que em quanto o Mundo durasse sempre haveria destas miserias por mais Antidotos, que se lhes appliquem. Desvanecem-se os antigos abusos com a introducção de novos prejuizos; mas ou antigos, ou modernos, sempre os houve, ha, e haverá. Os maiores homens da antiguidade Platão, Socrates, Aristoteles, Seneca, ao mesmo tempo, em que combatião, e mofavão das falsas crenças do vulgo, erão escravos de mil prejuizos, e sujeitos a apprehensões as mais ridiculas: leia-se o que sobre os abusos, e visionarias dos grandes Alexandres, Themistocles, Alcibiades, Epaminondas, Cesares, Scipiões, e do insigne Catão nos referem Herodoto, Strabo, Apollonio, Plutarcho, Tito Livio, e Suetonio, e nos desenganaremos de que esta palavra *Desabusado* em todo o seu rigor, e extensão, só póde ser caracteristica dos heroes das Novellas: quem conhece o Mundo, e a franqueza do espirito e coração humano, serve-se daquella palavra tão sómente para significar ao homem, que tem menos abusos. Homem sem apprehensão, ou *Quezilia*, como vulgarmente costuma dizer-se, he hum ente imaginario, e só bom para fazer casal com aquella ave, que renasce das suas proprias cinzas. Metta cada hum a mão na sua propria consciencia, e atreva-se a negar esta verdade. Até o Senhor Anti-Sebastianista, a pezar de todo o seu desabuso, e estranha córagem, ha de ter

de que se accuse neste mandamento, se lhe não faltar a força de que se precisa, para confessar ingenuamente a verdade. Cuidando pois talvez, que nos dava huma grande novidade, nos disse muito menos do que o que já por cá se sabia ha muitos tempos.

Passa daqui o Author a contar-nos diversas historietas, todas succedidas com elle, para prova, de que com effeito ha no mundo preoccupações, erros, abusos, e prejuizos. Mas do que já fica dito, se deixa bem vêr, que tudo isto he desnecessario, e que se lhe chama accender luz, e gastar cêra ao Meio-dia, e com Sol claro. Não lhe escapárão os ovos, e as alcachofras na noite de S. João em Lisboa, aonde o Author muito se admira, de que tambem haja semelhantes prejuizos. Que Anjinho! Como he innocente! Ainda não sabia, que o Povo em toda a parte he Povo! Não leo ao menos no célebre Gazeteiro de Almada, que nas Cidades grandes ha de tudo, o que por ser dito a rir não deixa de ser huma grande verdade em todo o sentido, em que se queira tomar! E que ainda suppondo (o que se não póde suppôr) que todos os que vivem nas Cortes sejão policiados, e instruidos, os que o são nem por isso deixão de ser escravos de abusos, e e preoccupações! Como está atrazado no conhecimento do mundo o Senhor Anti-Sebastianista! Que foi fazer a Madrid, melhor escóla sem dúvida do que Lisboa para adquirir estas idéas? Talvez que tambem lhe faça novidade o dizer-lhe eu agora, que a maior parte dos que fazem essas ridicularias na mencionada noite, estão firmemente convencidos da sua futilidade, e que tão sómente o fazem por entreter o tempo, e por méro brinco, pois esteja certo, que he huma verdade de que facilmente se poderá desenganar.

A admiração porém, e o pasmo do Author subio ao ponto mais alto, quando no Cáes de Sodré ouvio a hum grande número de homens *aceadissimos*, *ricos*, *e até estudiosos*, fallando sobre a vinda de ElRei D. Sebastião, e accommodando á crise presente os prognosticos, e trovas do Pretinho do Japão, do Moiro de Granada, etc. etc. Caso verdadeiramente pasmoso! Pelo modo não sabia o author até áquelle feliz encontro, que havia em Portugal Sebastianistas. Aonde terá passado, e em que terá consumido este homem a sua vida? Haverá algum ponto no Universo aonde isto se ignore?

Não se tem empenhado os Escritores Estrangeiros, e muito especialmente os Hespanhóes, e Francezes em o fazer constar a todo o Mundo? Dentro de Portugal será possivel encontrar-se lugarejo, aonde pelo menos o Cura, o Sachristão, e o Barbeiro deixe de fallar de Sebastianistas, ou seguindo, ou mofando da Seita? Que se póde esperar, que saiba, quem isto ignora? E propõe-se este homem a escrever Anti-Sebastianismos, e offerecer ao respeitavel público Antidotos contra abusos? Cuidou, que nas authoridades de Manoel de Faria e Sousa, do Jesuita Hespanhol, Padre Marianno, e de Miguel Leitão d'Andrade, tinha a maça de Hercules para esmagar o Sebastianismo: como se aquelles Authores não tivessem ha Seculos publicado as suas Obras, e se não soubesse muito bem o que elles dizem, e a fé, que merecem: como se entre os Sebastianistas passados, e modernos não houvessem muitos homens instruidos, e eruditos, que com muita meditação tem lido aquelles Authores, e tantos outros, que não espanta, que o nosso Anti-Sebastianista ignore, e desconheça.

Meu amigo, metteo-se em huma empreza dia-

bolica; não se lembrou, de que a Seita do Sebastianismo não conta só no número dos seus sequazes a homens simplices, e idiotas, quaes os Senhores seu Tio, Pai, Avô, Amigo, creada de varrer, e ceiferos da estrada de Madrid, de quem no principio da sua Obra nos refere aquellas simplicidades, e estulticias: tambem conta a homens de muito genio, talento, e lição. O eruditissimo Abbade Diogo Barbosa Machado, que de certo não era Sebastianista, e de quem adiante fallaremos amplamente, propondo-se a refutar a opinião dos que o suppõem vivo no Prologo das suas Memorias Historicas sobre ElRei D. Sebastião (famosa Obra de que absolutamente nem póde, nem deve prescindir, quem se propõe a dizer alguma coisa sobre aquelle Monarca) diz = Não ignoro, que desta opinião forão, e são acerrimos Sequazes Fidalgos da primeira grandeza, Religiosos de austera vida, Letrados de profunda Sciencia, e até muitos da infima plebe. = Para se convencer desta verdade, saiba que o insigne Jesuita Antonio Viera, cujas Obras andão pelas mãos de todos, era, como delles inquestionavelmente se deixa ver, hum acerrimo Sebastianista, e cuido que não terá a temeridade de o reputar ignorante, estupido, ou imbecil. Saiba, que ha muito poucos annos faleceo nos suburbios desta Corte hum homem muito respeitavel pelo seu caracter, e representação, e ainda muito mais pelos seus talentos, e erudição, que era hum rígido Sebastianista, que com muita veneração, e apreço conservava na sua Bibliotheca das de maior nome nesta Corte a todos os manuscritos, e impressos, que dizião respeito á Seita que seguia: informe-se que não faltará quem o conheça pelo retrato, e o possa certificar desta verdade. Saiba que entre mil outros

existem em Lisboa actualmente tres sujeitos, que a todas as virtudes e instrucção propria de seus respeitaveis ministerios ajuntão muitas outras virtudes, e huma lição vastissima de Historia Portugueza, com muito discernimento, e critica, que são Sebastianistas nos ossos, e não se envergonhão de o ser. Pudéra fazer-lhe huma lista immensa de homens desta estofa, mas faço escrupulo de fomentar a sua perseguição; leia, e indague, e descobrirá tudo quanto eu aqui lhe poderia dizer. Veja com que gente se foi metter, e que mossa poderá fazer com o seu Faria, e Sousa; Marianna, e Leitão d'Andrade contra tantos Campiões á testa de hum formidavel Exercito de Historiadores, que desmentem tudo quanto, á respeito da morte de ElRei D. Sebastião, dizem aquelles seus tres apaixonados.

Entra agora o Author no resumo da vida daquelle joven Monarca. Deixemo-lo escrever á sua vontade: deixemo-lo dizer com tanto descredito do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como menoscabo do novo Rei, que aquelles Padres só *debaixo de grandes Condições* lhe confiárão o Escudo, e a Espada, que o Augusto Fundador da Monarchia alli havia depositado, o que nem póde sustentar-se, nem deve em caso algum escrever-se: deixemo-lo dizer, que o novo Rei desembarcára na Africa sem aquellas armas, que voltárão para o sobredito Mosteiro, attribuindo huma, e outra coisa ao *Acaso*, palavra, que o bom senso reprova, a sã Filosofia detesta, e a Santa Religião condemna; e sem nos embaraçarmos com estas, e outras semelhantes bagatellas, vamos ao grande ponto da morte do ousado Rei.

Com hum desembaraço, e affoiteza pasmosa, lançando mão da espada de Alexandre, córta ás cégas o grande nó, e diz = Que o Cadi, vendo a

ElRei no fim da batalha entre hum grande número de Moiros, que disputavão entre si a quem deveria pertencer o Augusto Prisioneiro, lhe descarregára sobre a sobrancelha direita huma cutilada, que ElRei cahira do cavallo, que então os Moiros lhe dérão muitas outras na cabeça, e garganta, até que ElRei expirou, tudo isto no dia quatro de Agosto de 1578; e accrescenta, que este foi *fiel*, *e verdadeiramente o trágico*, *e lastimoso fim de hum Rei sem dúvida digno de maior ventura. Risum teneatis amici?*

Ora eis-aqui em duas pennadas decidida a grande questão: eis-aqui *fiel*, *e verdadeiramente o trágico*, *e lastimoso fim* de ElRei D. Sebastião: já não ha que duvidar: morreo nos Campos da Africa: o seu cadaver está no Mosteiro de Belém: o Escudo, e a Espada do immortal Affonso Henriques, que comsigo levou *debaixo de grandes condições*, forão restituidas ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e trazidas da Africa pelo *Acaso*, que he hum portador seguro, e que sempre deo muita boa conta de si: os tres como Evangelistas Faria e Sousa, Marianna, e Leitão d'Andrade, com o Author do Anti-Sebastianismo, para fazer os quatro, assim o affirmão: a immensidade de Historiadores, que dizem o contrario, e dos eruditos, que o seguem, he hum bando de idiótas, e visionarios: cahio desta vez por terra o Sebastianismo, e os seus sequazes, ou dém as mãos á palmatoria, ou fujão envergonhados para alguma Ilha encuberta, e mordão-se de desesperação, e de raiva.

Ora, Senhor Anti-Sebastianista, ainda que Sua mercê (se he que não tem mais alto tratamento) no seu Prologo ao Leitor, diz, que escreve em estilo faceto, no que nos engana formalmente, sem

alma, nem consciencia, converta-se por hum pouco em homem sizudo, e vamos a fallar sério. Como he possivel, que o simples peditorio do ignorantismo Sebastianista do Cáes do Sodré, que tomou por huma grande novidade a tudo quanto Sua mercê lhe disse a respeito de ElRei D. Sebastião, que nunca tinha lido a Faria e Sousa, Marianna, ou Leitão d'Andrade, nem sabia que taes homens tivessem no Mundo existido: como he possivel, digo, que o simples peditorio deste miseravel, que até custa a crer, que soubesse os nomes de Henoc, e Elias, fosse bastante a decidi-lo, a escrever em tom magistral sobre hum objecto, em que Sua mercê se achava pouco mais de dois dedos acima delle? Como he possivel, que com tão pouca lição, como Sua mercê mostra ter, se entremettesse a escrever *Antidoto contra abusos*? Não sabe, que o maior de todos os abusos he atrever-se o homem a escrever para o público, sem ter profundado até á raiz a materia sobre que escreve? Acha em sua consciencia, que para escrever a vida de ElRei D. Sebastião, e maiormente para decidir do tempo, modo, e lugar da sua morte basta o ter lido tres Historiadores, quando são tantos, e tantos mais o que a isto se propuzérão, não se ajustando, pela maior parte na opinião sobre a sua morte, e reforçando cada hum a sua com argumentos pelo menos plausiveis? Quando não tivesse o tempo, nem talvez os meios para os ler a todos, porque não recorreo ás Memorias Historicas do Abbade Diogo Barbosa Machado, de que já acima lhe fallei, Obra immortal, fructo de hum trabalho incrivel, e de huma lição vastissima? Logo no seu eruditissimo Prologo veria o sem número de Historiadores, que aquelle incançavel Abbade consultou os immensos monu-

mentos que esquadrinhou, e descobrio, havendo-se-lhe franqueado todas as Bibliothecas públicas, e particulares: todos os Arquivos sem exceptuar os da Torre do Tombo, e Secretarias d'Estado: alli veria ao seu apoixonado Leitão d'Andrade, testemunha ocular dos successos d'Africa, que teve a leveza de affirmar com toda a segurança, que ElRei fora levado morto sobre hum cavallo: alli o veria desmentido por Jeronymo de Mendonça, e por D. João de Castro, testemunhas tambem oculares, os quaes protestão, que ninguem víra matar a ElRei, nem podia affirmar, que fosse delle o cadaver conduzido sobre o cavallo á tenda de Xerife. Veria no mesmo Prologo que o dito Leitão d'Andrade assevéra, que houve grande questão, e desordem entre os Christãos, e entre os Moiros sobre isto mesmo. Veria, que o seu Leitão d'Andrade affirma, que o tal corpo fôra trazido d'Africa para Belém por Luiz Cesar, sendo aliàs incontestavel, que o tal corpo fôra por diligencia de Filippe II. conduzido por D. Martinho de Castello-Branco, Bispo do Algarve, e por D. Manoel de Seabra, Bispo de Ceuta, e depositado no Mosteiro de Belém em hum Mausuléo, cujo Epitaphio he hum Cabal desengano da incerteza de ser, ou não de ElRei D. Sebastião o corpo, que dentro de si contém. Veria, que tendo os Fidalgos Portuguezes, que escapárão á morte ficado persuadidos de que ElRei se havia salvado, e desapparecido, para que não fosse procurado com diligencia, não tivérão dúvida de affirmar ao Rei de Marrocos, que ElRei D. Sebastião havia sido morto, e assignar-lhe hum corpo entre os immensos, que havia dois dias jazião nús sobre a terra, dizendo-lhe, que era o do infeliz Monarca. E depois de ter visto naquelle eruditissimo Prologo a tudo isto, e tantas

outras coisas mais, veria com muito pasmo, e confusão sua, que o seu Sapientissimo Author, depois de ter lido, e examinado tudo quanto até ao seu tempo, que foi o do Reinado do Senhor D. João o V., se havia escrito sobre ElRei D. Sebastião, quando no Tomo IV. das suas Memorias chega a fallar do fim, e termo fatal daquella infeliz batalha, se serve destas formaes palavras = ElRei D. Sebastião, estimulado de que quizessem (os Moiros) abater a soberania do seu caracter, envolto na barbara multidão, desappareceo aos olhos de todos, deixando a posteridade igualmente duvidosa da sua vida, como da sua morte. Esta foi a fatal conclusão da batalha de Alcaçar, etc. etc.

Não sei que haja que replicar contra huma authoridade tão respeitavel, e que em si abrange as authoridades de tantos, e tão insignes Historiadores: não sei, que possa apontar-se algum outro Historiador, que sobre esta materia escrevesse com mais conhecimento de causa; e que tivesse examinado hum número mais prodigioso, e respeitavel de documentos, e noticias, do que o insigne Author daquellas Memorias, como se póde vêr pelo Contexto de todas ellas, e com menos trabalho, lendo o mencionado Prologo, aonde o sobredito Abbade mostra estar tão convencido, de que ElRei D. Sebastião escapára á morte na batalha d' Alcaçar em Agosto de 1578, e sahíra para fóra d'Africa, que se inclina á opinião, de que realmente elle era o que em 1598 se apresentou ao Senado de Veneza, exhibindo taes testemunhos de identidade, que aquelle respeitavel Congresso, depois de hum maduro, e minucioso exame, decidio, que ou na realidade aquelle homem era ElRei D. Sebastião, ou algum Mágico por elle. Tendo o sobredito Abbade fallado

de diversos impostores, que pertendêrão fingir-se ElRei D. Sebastião, diz = Excedeo a estes fingidos Principes (se he que não foi o verdadeiro) aquelle, que appareceo em Veneza em 1598, de que fazem menção Pedro Matheus, e João Baptista Rozales, etc. etc. Aquelle parenthesis, julgo que mostra que o Author era desta opinião. Como he possivel pois, que não tendo de certo o Senhor Anti-Sebastianista lido, ou examinado a millessima parte do que leo, e examinou o eruditissimo, e incançavel Abbade, se atreva a dar a ElRei D. Sebastião por morto na batalha d'Alcaçar, e isto com tanta certeza, que se anima a dizer: *Este foi fiel, e verdadeiramente o trágico, e lastimoso fim, etc.* Apezar de que os Historiadores Francezes não costumão ser muito comedidos, e circunspectos, não se atreveo a tanto o Francez de la Clede, que na sua Historia de Portugal, tratando no Tomo IX. de ElRei D. Sebastião, sobre o delicado artigo da sua morte, falla com a maior precaução, e toma todas as medidas para se não comprometter: *Ha quem diga* (são as suas formaes expressões) que reconhecendo os Moiros a ElRei D. Sebastião, cercárão-no por todos os lados, e gritarão-lhe, que se rendesse. *Ainda dizem mais*, que hum Portuguez atára hum lenço á ponta da espada, e pedíra quartel aos Moiros, os quaes, sem attender a nada, matárão-no desapiedadamente, e ao mesmo Rei D. Sebastião. E logo na pagina seguinte, continúa: *Ouvindo Famede dizer, que ElRei D. Sebastião fora morto*, ordenou, que se buscasse seu corpo entre os mortos. Achou-o Sebastião de Rezende, e o reconheceo, *segundo dizem*, entre hum montão de cadaveres, *dois dias depois da batalha.* Estava coberto de pó, e sangue, traspassado com sete feri-

das mortaes, *negro, e roxo por causa dos ardores do Sol, o que estivéra exposto naquelles dois dias, nú, e tão desfigurado, que quasi se não conhecia.* Formárão no, e levárão-no sobre hum cavallo á tenda do Xarife, onde foi posto em terra; e Famede mandando vir os principaes Senhores Portuguezes, perguntou-lhes se era aquelle o Corpo de Dom Sebastião. Sim, respondêrão elles com os olhos affogados em lagrimas: sim, este he o Corpo do nosso Rei D. Sebastião, não podemos duvidar disso. *Pelo que o certo he, que o cadaver estava tão desfigurado, que se podia duvidar, se era, ou não o de D. Sebastião.* Mas seja o que fôr, mandou Famede fazer hum Auto, etc. etc. De todas estas precauções, e cautélas se serve o Francez de la Clede para fallar neste ponto tão melindroso, e delicado: he o que deve fazer quem nem quer esbarrar, nem fazer esbarrar aos outros. O nosso Anti-Sebastianista porém, sem se cançar em tomar precauções, e cautélas, atira comsigo pelo despenhadeiro abaixo com temeridade pasmosa; e com menos fundamentos ainda do que tem os Sebastianistas para prolongar a vida a ElRei D. Sebastião, lha tira muitos annos antes da sua morte, e quer que todos estejamos por isto, dizendo-nos: *Este foi fiel, e verdadeiramente o trágico, e lastimoso fim de ElRei D. Sebastião.* Parece incrivel, que haja hum Portuguez mais atrevido do que hum Francez.

Tanta affouteza não aprendeo o nosso Anti-Sebastianista do seu Faria, e Sousa, a quem servilmente segue; porque este Historiador, ou Panegyrista, depois de ter contado o modo, por que morrêra ElRei D. Sebastião, está tão longe de dizer: *Este foi fiel, e verdadeiramente, etc.*, que pelo contrario diz = Si esta infelis muerte contaren otros

differentemente nó avrá, que espantar, pués en una rinã de quatro personas los que hallan presentes a ella, vemos, que unos la cuentan de una manera, y otros de otra. = Para quem sabe ler, e entender, o que lê estas palavras, querem dizer: Que a elle, Faria, e Sousa, parece mais provavel que ElRei D. Sebastião morresse por aquelle modo na batalha d'Africa, mas que a outros parecerá mais provavel o contrario, e que cada hum siga o que melhor lhe parecer. He verdade que pouco acima tinha dito. = Desta manera acabó el valeroso Rey en la flor de su juventud, y pagando la deuda divida, dio el alma a su Criador. = Mas que tem que vêr este epifonéma com a segurança, e magistral decisão do Anti-Sebastianista: *Este foi fiel, e verdadeiramente o trágico, e lastimoso fim de hum Rei sem dúvida digno de maior ventura*?

Já que transcrevemos estas ultimas palavras de Faria, e Sousa, queirão os pios Leitores agora vêr como os traduz o nosso Anti-Sebastianista. = Desta maneira, diz elle, acabou o valoroso Rei D. Sebastião na flor da sua mocidade; e pagando *á Nação* huma divida necessaria, deo a alma ao seu Creador. = Bem se deixa ver qual seja a divida, de que falla Faria, e Sousa nestas palavras, e a quem ella se paga, e deve pagar. Possuimos, ou gozamos da vida presente por puro emprestimo, e somos obrigados a pagar este emprestimo, e esta divida áquelle com quem a contrahimos: *Debemus morti nós, nostraque*, dizia o grande Horacio, guiado simplesmente pela luz da razão, e sem algum conhecimento da Revelação, pela qual nos consta o Divino Decreto, que nos constitue devedores, e obrigados indispensavelmente a pagar. Veja-se como o nosso Anti-Sebastianista estropeou o pensamento

daquelle Historiador, accrescentando a palavra *Nação*, e constituindo a esta crédora daquella divida. Mas deixando estas bagatellas, se he que o são, vamos ao nosso ponto. Cançou se em vão, Senhor Anti-Sebastianista, e nada conseguio do que pertendia. Veja se póde descobrir algumas noticias authenticas, e até aqui desconhecidas, que favoreção a sua opinião; e em quanto não as descobre, póde estar certo de que o tempo, o lugar, o genero da morte do infeliz Rei, continuará, como até aqui, a ser hum Problema Historico, impossivel de resolver-se. Eu estou tão certo de que aquelle desgraçado Rei já não existe ha muitos annos, como o estou da morte de todos os seus Predecessores: agora que morresse em 1578, ou em 1598, ou em qualquer outro anno; agora que morresse na Africa, ou na America, na Asia, ou na Europa; em Portugal, ou na Hespanha; na Italia, ou na França; agora que morresse de cutiladas, ou de fome; de doença, ou de velhice, nem eu, nem pessoa alguma o póde com segurança decidir. Corra por tanto hum risco de penna por cima daquellas palavras: *Este foi fiel, e verdadeiramente o trágico, lastimoso fim de hum Rei digno de maior ventura*, e deixe muito embora ficar o mais; póde ser que não ache muitos, que lho fação por tão pouco. Não sei se poderia ser tão generoso, quando entrarmos em contas a respeito das suas Analyses, ou juizos sobre as Profecias. Ainda bem, que sendo ellas tantas, Sua Mercê veio á feira com tão poucas, porque ainda que seja condemnado a riscar tudo, não tem muito que riscar.

Quem diria, que estes papeis depois de terem vivido por tantos annos homiciados em ár de Réos, apparecendo só ás furtadellas, e como envergonha-

dos, havião pela primeira vez de se apprezentar ao público em toda a pompa, e apparato no Seculo XIX. ! Quem poderá acreditar, que estes papeis, que escondidos, e pouco vistos, tem produzido tantos abusos, serião publicados, e em hum pequenissimo folheto, para poderem chegar a todos, por hum homem que se propõe a desterrar abusos, e visionarias! Faltava mais esta ao nosso Seculo para ser o Seculo das inconsequencias.

Mudemos porém de folha; e condescendendo com o bom gosto do tempo, deixemo-nos de reflexões, que não he da moda o fazellas.

Dá o Author principio a esta Segunda Parte do seu trabalho, copeando as Profecias, ou Prognosticos, ou como lhe quizerem chamar, do Pai Clemente, vulgarmente, Pretinho do Japão, e segue-se o Juizo Critico, que dellas faz. He hum juizo desgraçadissimo, e tão falso como Judas. Diz elle, que estas Profecias parece terem sido feitas no tempo em que vivia o Principe D. José, e depois do casamento do Principe Regente. Senhor Anti-Sebastianista, eu não posso dizer-lhe com certeza, em que anno aquelles Prognosticos forão pela primeira vez escritos: posso porém affirmar-lhe com toda a segurança, que vi huma Cópia delles no Cartorio de certa Casa illustre desta Corte, escrita por hum dos Antecessores da mesma Casa, cuja letra vi tambem reconhecida por diversos Tabelliães em muitos outros papeis do mesmo Cartorio, e o Copiador havia fallecido em 1758, como constava dos Autos de Posse, tomada pelos que lhe succedêrão, o que tudo fiz vêr a dois amigos meus, que ainda actualmente existem. Ha muitas pessoas nesta Corte, e Reino, que protestão ter nisto Copias muito mais antigas, e a sua antiguidade authenticamente pro-

vada; e ha além disto milhares de boas testemunhas, que os tem, e conservão desde antes da época do Nascimento daquelle Principe. Querer pois que estes disparates fossem pela primeira vez escritos ha vinte annos, pouco mais, ou menos, he hum disparate maior que todos, quanto diz o Pai Clemente. Mas eu não sei que partido possa tirar o Sr. Anti-Sebastianista de data daquella época os taes Prognoticos: he verdade, que o que delle se lê a respeito da Successão, he o que naquelle tempo se estava vendo, e o que muito presumião. Mas pergunto, tambem ha vinte annos se podia prevêr, ou presumir, que *se acabaria a de Bragança* (lembre-se do detestavel Decreto do primeiro de Fevereiro de 1808), *e entraria a de França, e o de Fernando, que tem mais mando, que já mandou, e mandará, se Deos quizer*? Tambem naquelle tempo se podia prevêr, e conjecturar, que, quando *estivesse Reinando huma mulher em Portugal, que havia de passar o mar Salgado.*

Não sei como senão lembrou de dizer, que estoutra parte dos taes Prognosticos fôra escrita nos fins de 1807, e principios de 1808: era o que deveria fazer para ir coherente. Huma refutação por este gosto, em lugar de os desacreditar, authentíca os taes Prognosticos; porque aquellas reflexões occorrem ao Leitor mais idióta, que os tem por verdadeiros, cuidando que não ha outras razões para os refutar senão as que aponta o Anti Sebastianista, cuja fraqueza, e nullidade salta aos olhos de todo o Mundo. Diz mais que o Preto se mette *a Astrologo*; quando o pobre homem nem huma só vez falla em Astros, Estrellas, Conjuncções, Cometas, Planetas; não dá em huma palavra o mais leve indicio de presumir, ou se picar d'Astrologo: he hum

falso testemunho descarnado, e sem fevra. Accrescenta, que o Pai Clemente diz, e desdiz em huma mesma Profecia; mas como não indica o lugar, ou lugares aonde o faça, estamos dispensados de responder-lhe. Estranha, e com razão, que o Pretinho se mettesse a escrever sem estudos; mas nesta miseria cahe desgraçadamente muita gente boa: o tal Pretinho tem muitos Companheiros, com a differença porém, de que o Pretinho, o que escreveo sem estudos, fechou-o em huma lata, e a escondeo debaixo da cama: se agora sahe ao Público, não foi certamente por culpa delle, mas sim de quem quer que he: outros, que não conhecemos, estando nas mesmas circunstancias do Pretinho, nem fechão, nem escondem o que escrevem: eu não nomeio a pessoa alguma.

Segundo. Passa agora o Author a fallar de huma outra Profecia, que, segundo elle, os Sebastianistas pertendem accommodar á moderna creação da Ordem da Torre, e Espada. Protesto, que nada sei de tal Profecia, nem de tal accommodação; ainda bem que o Author se cança tão pouco com ella, que só parece ter fallado nisto para ostentar o seu bocado de erudição, tocando mui levemente no que aconteceo no tempo de ElRei D. Affonso (qual dos séis seria?) na Torre de Fêz, no agoiro dos Moiros, etc. etc. Deixemos brilhar o homem, e passemos á Attestação dos Padres Capuchos.

Para conhecer a visionaria, e futilidade desta Attestação, basta simplesmente lê-la com os olhos desnevoados. He evidente, que a Ilha de que nella se trata, he huma Ilha de Novella, são os Campos Elysios, he o Paraiso de Mafoma, os Intermundios de Epicuro, o Concavo da Lua, etc. etc. Não o julgou porém assim o nosso desabusado Anti-Se-

bastianista; entrou em dúvida se era, ou não real a sua existencia; e o modo que descobrio para se desenganar, he bem proprio da sua argucia, e delicadeza. Decide-se a ir ao Convento dos Capuchos para saber se lá existia, ou não o Original daquella Attestação. Isto he delicado, e muito lógico. Se lá não existisse o Original da Attestação, então era fabula, e visionaria tudo o que nella se contém; não havia tal Ilha, nem tal venerando, nem taes figurões; agora se lá existisse o Original, então estava legitimamente provada a existencia daquella Ilha, e a de ElRei D. Sebastião em Julho de 1638, e nesse caso já *o trágico, e lastimoso fim daquelle Rei, digno de maior ventura, não* tinha sido *fiel, e verdadeiramente em Agosto de* 1578. Que este fosse o Discurso do Author, he evidente, porque se quer achando o Original, quer não, sempre havia ter por falso o que na Attestação se continha, para que havia de tomar o trabalho de ir fazer aquella arriscada diligencia? De quão pouco dependeo o ser o nosso homem Anti-Sebastianista, ou Sebastianista! mas vamos proseguindo, que ainda aqui não está o melhor. Levando por Companheiros a boa Lógica, e a sã Crítica, deita comsigo ao sobredito Convento, propõe o seu caso a hum Padre, que encontrou, e recebeo em resposta, que nada sobre aquelle artigo sabia, e que recorresse a outro Padre, que lhe indicou: cahe na ebia de abraçar hum conselho, que tinha bastante de suspeitoso, e dá-lhe o segundo em resposta, que tal Original lá não havia, accrescentando em bom Capucho mais alguma palavrinha de embofia, com que deixou ao nosso homem desenganado. Ah, meu Padre, que fez em mentir a hum homem tão ingenuo? Se lhe diz a verdade, tinha a Seita do Sebastianismo mais este

alumno; e com que ha de reparar-lhe esta perda? Seita malfadada, que sempre os bons Quixotes hão de ter pela prôa a má fortuna? Mas consola-te, tempo virá.... Com hum testemunho tão authentico se deo, em fim, por desenganado o nosso homem: nada mais lhe foi preciso, porque he tão bem intencionado, que tem por axioma incontestavel a tudo o que lhe diz hum Padre, que he *politico como poucos, e que parece ser virtuoso*, e *sábio*, nada importa, que seja hum só, nem que pela primeira vez lhe fallasse, nem que concorressem nelle razões fortes para não dizer a verdade; tudo isto são bagatélas, de que só fazem caso os exemplos averiguadores da verdade, e o Author abomina tudo o que he escrupulo.

Ora, Senhor Anti-Sebastianista, tornemos a fallar sério. Já que da existencia daquelle Original fez depender o ser, ou não Sebastianista, corra a dar o seu nome no Cáes do Sodré, porque com effeito em hum dos livros do antigo Cartorio daquella Communidade existe realmente o Original da Attestação, tal, e qual se lê no seu Anti-Sebastianismo: ambos aquelles Padres lhe dérão papinha, e o segundo soube-lha preparar com mão de Mestre. Procure meios mais engenhosos, do que aquelles, de que se servio; e lhe protesto, que terá o gosto de o vêr com esses olhos peccadores, que a terra ha de comer. Houve tempo, em que os Padres o mostravão com franqueza; mas depois que linguas maldizentes começárão a espalhar, que elles levavão doze vintens por cada Cópia, que deixavão tirar, tratárão de fazer mysterio para evitar os progressos daquella maledicencia, e falsidade. Talvez que tenhão ainda mais algumas razões; e entretanto, sendo levados com geito, ainda cahem em satisfazer, mas gratuitamente, a curiosidade de alguns amigos.

Não me permitte o pezo dos annos o saltar o artigo das galantissimas Contradicções, que o nosso homem encontrou na Attestação dos Padres. A primeira he chamarem nella os Padres attestantes ao tal Figurão, que na Ilha fazia maior vulto *humas vezes Rei*, *outras Governador*, *outras Velho*, *outras Venerando*, *outras Venerado.* Com effeito, são predicados estes, que não podem simultaneamente coincidir em hum mesmo Sujeito. Se era Rei, como era Velho? Se era Velho, como era Venerando? Se era Governador, como era Venerado? Para irem coherentes deverião chamar-lhe Rei, que não governava, Velho, Moço, Venerando, que não era venerado; porque o mais he huma Contradicção enorme. Attribue porém o Author estas Contradicções ao Susto com que ainda estavão os Padres ao passar a Attestação já fóra da Ilha; mas não quer que este Susto, quando ainda lá estavão, lhes sirva de desculpa de se não terem lembrado, ou atrevido (que he a segunda Contradicção) a perguntar o nome do tal Figurão, e da Ilha, e tantas outras curiosidades. De maneira, que vem a desculpar os effeitos do Susto, quando já não existião motivos para o haver, mas não o quer admittir, quando o perigo, e os motivos do Susto estavão diante dos olhos. Ora desculpe-os, e passe-lhes tambem por esta, Senhor Anti-Sebastianista, bem sabe que nem todos podem ser tão impavidos, e coragiosos, como Sua mercê. Ainda que a pezar de toda a sua valentia, e denodo, de que deo altas provas na sua Aldêa, e no encontro com os Ceifeiros da estrada de Madrid, sempre desejaria de palanque vê-lo na tal Ilha cercado de todos aquelles Figurões, e tendo á vista a sentinella dobrada daquelles dois Leões, para ver como se amanhava com

tudo isto, e se tratava de fazer perguntas curiosas, ou de dar á sóla, e de se retirar com toda a préssa para o navio, amaldiçoando a hora, em que lhe viéra ao pensamento a curiosidade de ver tal Ilha. Desculpe pois os Padres, e compadeça-se de quem he fraco, o que tambem he huma nota de valentão.

Seguem-se agora as Profecias do Lavrador do Algarve, e o juizo que dellas fórma o nosso Anti-Sebastianista. Cuido, que pelo muito que as leo, se familiarizou tanto com o estilo do Profeta, que o texto, e a Analyse parecem ser Obra de huma só mão: huma, e outra coisa são igualmente enigmaticas, e inintelligiveis. Apenas pude comprehender em ambos o seguinte. Falla o Profeta Algarvio em *quinze pares de Cavalleiros dobrados*. Diz o Analyzador, que elle não sabe contar, e que deveria dizer, *trinta Cavalleiros*. Ora eis-aqui o que se chama saber contar; quinze pares de Cavalleiros dobrados fazem trinta Cavalleiros, isto não tem Jeronymo nenhum de dúvida: se fossem quinze pares singellos, então erão sessenta, mas dobrados são trinta. E então que tal Arithmetico he o Senhor Anti-Sebastianista? Poderá alguem negar-se a ter contas com elle? E diz, que o pobre Algarvio não sabe contar por ter dito quinze pares dobrados, quando isto o que prova he que elle não sabe reduzir aquella somma á expressão mais simples: o Anti-Sebastianista porém dizendo, que quinze pares de Cavalleiros dobrados fazem trinta Cavalleiros; esse sim, esse sabe contar muito bem, e esta habilidade para poder pôr loja de contas ao Chiado.

Dizendo o Lavrador do Algarve, que *virá hum Anjo do Ceo*, observa o Analyzador, que acha aquelle homem *humas vezes Santo*, *outras Atheista*. Não sei em que lugar da sua Obra dê o po-

bre Algarvio motivo para se suspeitar nem huma, nem outra coisa. Se porque elle falla em Anjo do Ceo, he que ao Analyzador lhe parece hum Santo, muito pouca coisa basta para hum homem parecer Santo ao Senhor Analyzador; mas está bom; he homem bem intencionado, não o censuremos: de que parte porém, ou expressão das Profecias inferirá o Analyzador, que elle he Atheista, nome tão feio, e detestavel? Por mais que eu leia, e torna a ler aquella Obra, o mais que posso descobrir he, que o seu Author, ou he hum imbecil, e visionario, ou hum maganão de bom gosto, que quiz dar que roer aos curiosos; mas que seja Atheista, tal não posso ver. Lembrando-me porém de que quinze pares dobrados fazem trinta, me lembro tambem de fazer ao Senhor Analyzador esta pergunta. Que entende o Senhor por Atheista? Somos em fim chegados ao ultimo termo das nossas fadigas. São as trovas do Moiro de Granada, sabiamente, como costuma, analyzadas pelo nosso homem. Responde quasi a huma por huma até á decima sexta, aonde cançou, e ficou na estrada. As respostas são concludentes, e muito a proposito. Este discurso he bellissimo. O que diz o Moiro póde accommodar-se a diversos tempos, logo não he Profecia. Não sei como para acclarar mais este calcanhar se não servio de huma comparação, ou semelhança; por exemplo, o chapéo, que serve em muitas cabeças, não he chapéo. Isto he terminante: se aqui ostentou de muito bom Logico, pouco mais abaixo igualmente ostenta de grande politico, dizendo, que *os Inglezes não tem a nossa Lei, e que matárão ao seu Rei.* Isto na quadra actual, he hum rasgo da mais fina politica. Mas se deo aos Inglezes esta verde, na resposta trez

lhes dá outra madura, profetizando-lhes, que o seu *Jorge III. ha de destruir a Napoleão.* Deos o permitta, meu Profeta, que tão mal tratas os Officiaes do teu Officio; protesto, que se este teu vaticinio se realizar nos meus dias, te acclamarei pelo maior dos Profetas minimos, mais Bandarra do que o Bandarra, mais Preto do que o Preto, e mais Moiro do que o Moiro.

Já eu cuidava que estaria concluida a minha taréfa, quando ao voltar a folha para fechar o folheto me acho pela prôa com mais tres Profecias, e do nosso Anti-Sebastianista, e maiormente a primeira, e a ultima são muito consoladoras. Diz a primeira, que dentro de dois annos, e mais se hão de achar enterradas nos Campos, e entulhos das casas muitas cousas. Se fôr prata, e ouro cunhado, ou por cunhar, seria bom entrarmos já na exploração dessas muitas coisas, que bem precisas nos são na conjuncção actual; e não sei como hum homem tão zeloso do bem da Patria, como o nosso Anti-Sebastianista, se quer inculcar, em lugar de escrever Anti-Sebastianismos, refutar humas Profecias, e fazer outras, se não propõe a fazer excavações, ou ao menos a indicar-nos os sitios, aonde aquellas muitas coisas existem, porque de certo o ha de saber, não se podendo presumir, que o espirito Profetico fosse para elle tão mesquinho, e escasso, que tendo-lhe revelado, que aquellas muitas coisas existem realmente enterradas, lhe não assignasse o lugar aonde estão. Faça-nos pois esta caridade, Senhor Profeta, e com tanto que achemos aquellas muitas coisas, deixe-nos embora chamar-lhes *encantadas*, ou *desencantadas*, que isto he huma pura questão de nome. A segunda Profecia promette-nos annos escassos, e annos abundan-

tes. Deixemo-la, que he como a carne da pá. A terceira he a melhor de todas, pelas grandes noticias que nos dá. Assegura nos de que a Russia, e todos os mais Povos subjugados por Napoleão, estão a nosso favor. He quanto nós desejavamos, mil annos vivas, minha borboleta das boas novas. Ainda que esta Profecia seja de preterito, bem se vê, que he Profecia, porque até ao momento actual só pelo Author della he que sabemos, que a Russia estava subjugada por Napoleão, e que se declarou contra ella a nosso favor. He para que nos desenganemos de que o nosso homem não he qualquer Profeta, que só vaticinão futuros; he sim hum Profeta, que profetiza para trás, e para diante. Na hypothese pois, ou certeza, que para hum tal Profeta não ha hypotheses, de ser verdadeira esta Profecia para trás, profetiza para diante a victoria, se da nossa parte pozermos *Homens*, *Armas*, *e valor*. Se eu fosse Militar, diria, que sem disciplina, e ordem, e algumas bagatellas mais, muito pouco valem aquellas tres cousas, a pezar das grandes Letras com que estão escritas. Se fosse Politico accrescentaria, que sem dinheiro de quasi nada servem; e se fosse Moralista, gritaria, que sem a protecção, e benção do Ceo, bens, que da nossa parte está o merecer, todas aquellas coisas para nada prestão. Mas como nada disto sou, curvo-me todo diante das Profecias, e do Profeta, e dou por concluida a taréfa.

Julgo ter satisfeito o que prometti: julgo ter legitimamente provado, que o modo por que, o lugar aonde, e o tempo em que falecêra o ousado Rei D. Sebastião, são Problemas Historicos absolutamente impossiveis de resolver-se, em quanto não apparecerem algumas noticias authenticas, e

ainda não descobertas, que nos dem sobre este artigo aquelle gráo de certeza, que todas as que temos até aqui não tem podido dar-nos. Julgo ter dito quanto baste para mostrar, que a opinião de ter aquelle lastimoso Monarca perdido a vida na batalha d'Alcaçar em Agosto de 1578, jámais poderá passar de méra opinião, e pouco provavel.

Do mesmo modo julgo ter mostrado, que as chamadas Profecias, Prognosticos, Trôvas, e Attestação, pela fraqueza, e falsidade das razões, com que forão refutadas, ficárão no mesmo pé em que estavão antes de o ser; e tanto basta para que os seus partidistas supponhão, que avançárão hum terreno immenso. Julga-se victorioso hum exercito, quando sendo accommettido não he desalojado, e obrigado a recuar, ou retrogradar, que he a palavra mais da móda. Julgo, em fim, ter mostrado, que o papel, que tem por titulo Anti-Sebastianismo, he mais proprio para fazer huma nova creação de Sebastianistas, do que para desabusar do seu erro aos que já o erão. Q. E. D.

Antes de concluir este Opusculo, creio que se me não deve estranhar, que eu aqui exponha o meu modo de pensar, sobre esta materia, sujeitando tudo quanto disser aos que melhor o entenderem. Não sei que haja Lei alguma, que obrigue a qualquer, que se proponha a provar, que ElRei D. Sebastião já não existe ha muitos annos; que o obrigue, digo, a assignar individualmente o dia, mez, e anno, em que elle morrêra; o modo por que, e o lugar onde a morte o avassallára. De se ignorar tudo isto, segue-se por ventura que elle ainda esteja vivo? Seriamos obrigados nesse caso a dizer, que a maior parte dos que tem povoado o Mundo, desde que elle existe, ainda não morrêra;

sendo certo que só de huma pequenissima porção se sabe o modo, o tempo, o lugar, em que falecêrão. Sabemos com toda a certeza, que aquelle infeliz Rei nascêra em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554; e que mais he preciso para poder affirmar com a maior segurança, que pelo menos ha hum Seculo bem medido, que elle perdeo a vida? Para que nos havemos de ir enredar naquellas questões sem necessidade alguma?

Tão opprimidos se sentem os Sebastianistas com o pezo daquelle argumento, que se vêm obrigados a sumir-se-nos, voando ao Ceo, e recorrendo a Deos, he a quem se deve recorrer para tudo, menos para authorizar taes embecilidades. Dizem que Deos o tem reservado por particular providencia; e que a Deos nada he impossivel. Desta ultima asserção só póde duvidar o ímpio consummado. Mas para nos convencermos de que Deos na realidade assim o fez, não basta o estarmos convencidos, de que elle o podia fazer, porque o axióma de que da potencia para o acto não vale a conclusão, he hum axióma dictado pela boa razão, da qual Deos he o Soberano principio. Deos podia fazer com que eu não estivesse aqui escrevendo estas regras; todavia porque o podia fazer, não se segue que o fizesse, e por bondade, e misericordia sua aqui estou ainda escrevendo. He preciso, que nos apontem alguns argumentos, que positivamente provem, que Deos tem com effeito reservado neste Mundo a ElRei D. Sebastião. Reduzidos a este aperto, recorrem os Sebastianistas ás revelações particulares, ás chamadas Profecias, etc. etc. He verdade que podiamos perguntar-lhe pela authenticidade destes papeis; podiamos pedir-lhes que nos provassem a sua antiguidade; que nos fizessem rea-

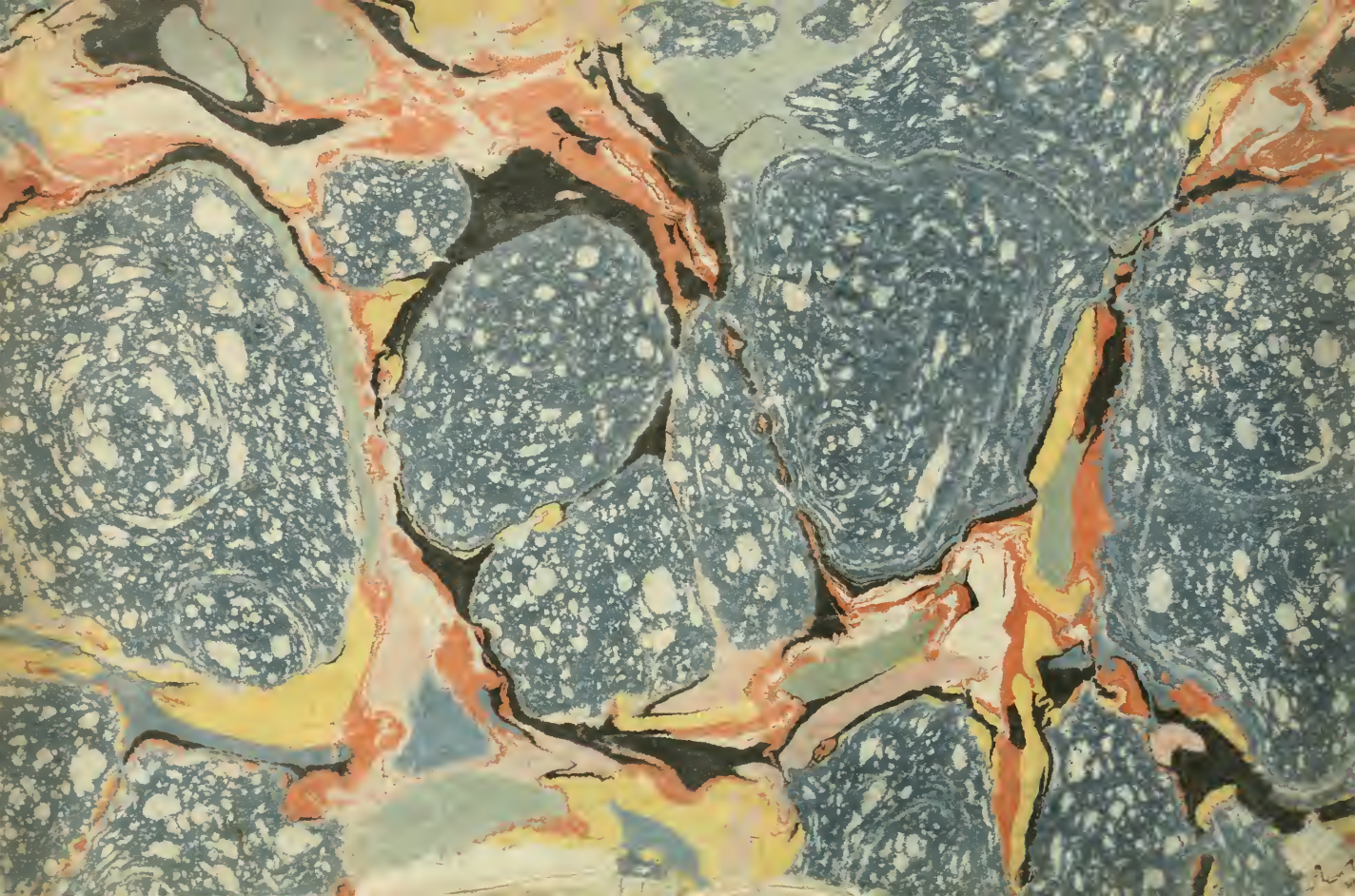
lizar as datas, com que correm; podiamos fazer-lhes ver, que aquella Attestação podia entrar em Episodio nas viagens de Gulliver; que aquellas Profecias são quaes os oraculos da Pytonissa, que a frase, e estilo, em que estão escritas, depõem altamente contra a antiguidade, que se lhes attribue; que são absolutamente enigmaticas, inintelligiveis, e concebidas em termos taes, que não he possivel o serem accommodadas fixamente a esta, ou áquella época. Tudo isto he evidente, tudo salta aos olhos. Mas não nos entromettamos tambem nestas questões; concedamos-lhes tudo, mas instemos-lhes, que tratando-se de hum facto tão extranho, e sobrenatural como he o de estar ainda vivo por particular providencia de Deos hum homem, que nasceo em 1554, isto he, ha 254 annos, he preciso para crer hum testemunho tambem sobrenatural, e extraordinario da authenticidade, e verdade daquellas revelações, daquellas Profecias, etc. etc., que este testemunho só nos póde ser dado pela Santa Igreja; e que faltando este, he pelo menos huma temeridade o crer em semelhantes coisas. Se nos allegarem com a sabedoria, e santidade de alguns, a quem se attribuem varias daquellas revelações, e Profecias, respondemos-lhes, que respeitamos muito a sabedoria, e santidade dessas pessoas; mas que sem entrevir a authoridade da Igreja nem somos obrigados, nem devemos crer nas suas revelações, e Profecias, ainda mesmo que tivessemos toda a certeza de que na realidade erão suas, e que se entendião no mesmo sentido, em que forão escritas. Que a Igreja canonizando-os de Santos, não os canonizou de Profetas; e que para se desenganarem de que nisto não offendemos, nem levemente a sabedoria, ou santidade daquellas pessoas, aliàs mui-

to dignas de respeito, e veneração, que leião com attenção o que no Discurso V. do Tomo VII. do seu Theatro Critico diz o erudito, e religiosissimo Hespanhol Bento Feijoo a respeito dos grandes Bispos de Tours S. Martinho, e Apostolo de Valença S. Vicente Ferrer, que vivêrão, o primeiro no Seculo IV., e o segundo no XIII., que ambos profetizárão o fim do Mundo, e o Juizo Universal com tanta proximidade, que davão já por existente, e nascido cada hum nos seus dias ao Anti-christo. Dos enganos, e illusões dos homens Santos, e sábios, provão os Santos Padres, que resultão muitos, e grandes bens á Igreja, quando fallão das negações de S. Pedro, e da incredulidade de S. Thomé. Se a pezar de tudo isto quizerem teimosamente porfiar na sua opinião, deixemollos em paz, não os atormentamos, nem nos afflijamos; podem-se muito bem salvar com este erro, que não he de fé, e até eu não vejo, que mesmo na Ordem Civil, e Social elle seja de graves consequencias. Eu não vejo que esta pobre gente por estar convencida de que virá ElRei D. Sebastião a restabelecer a antiga gloria, e prosperidade de Portugal, deixe de amar, e de respeitar a sua Fidelissima Soberana, os seus Augustos Principes; continuamente os estou ouvindo fallar com a mais viva saudade de toda a Real Familia, e suspirando pela sua restituição á Corte. Vejo que elles concorrem, quanto lhes he possivel, para as despezas do Estado, e defeza da Patria, e talvez com maior generosidade, e promptidão, do que os que se tem por desabusados. Assemelhando-se nesta parte ao Lavrador singello, que quanto mais firmemente crê no Reportorio, ou Prognostico, que lhe annuncía boa colheita para o anno seguinte, tanto mais se

esméra, e empenha nas despezas da cultura. Não duvído de que hum, e outro caia naquellas miserias, que o Author do Anti-Sebastianismo refere no fim da pagina 13 do seu Opusculo, e que muito custão a crer; mas isto nada prova contra o Corpo da Seita em geral. Houve hum Lucifer entre os Anjos, e hum Judas no Sacro Apostolado.

Permittíra o Ceo, que não houvesse abusos mais vergonhosos, e erros mais funestos! Tenho observado, que aquelles, que mais ridiculizão, e mófão da louca esperança dos Sebastianistas, são os que esperão, que Napoleão faça á Europa os mesmos bens, que os Sebastianistas esperão, que El-Rei D. Sebastião venha fazer a Portugal. Ora eu peço a todos os homens de bom senso, que me digão qual destas duas esperanças he mais absurda, repugnante, e de consequencias mais funestas: qual mais digna de ser combatida, e castigada.

A Policia, a Magistratura, as Authoridades Constituidas, o Governo resolvem o Problema, e nos decidem a questão. Vamos ao Limoeiro, ao Castello, ao Prezidio da Trafaria, ás Torres saber qual he a decisão.

Deixemos pois em paz aos pobres Sebastianistas, que no seio da calamidade geral se confortão com aquella esperança, que não prejudica a pessoa alguma, e voltemos todos as nossas armas contra os Napoleonistas, escandalos da razão, aborto da natureza, pestes da sociedade, deshonras da Patria, enxovalhos da especie humana, opprobrios, e ignominia da Santa Religião.

Tudo isto, já se sabe: *Salvo meliori judicio.*